

A linguística aplicada no Brasil

O início da Linguística Aplicada no país, se dá nos anos 60 e 70, onde foi marcado por questões relativas ao ensino de línguas estrangeiras, principalmente o inglês. Moita Lopes (1999) atesta que naquela época, as dissertações de mestrado na área refletiam o pensamento de aplicação de teorias da Linguística para melhorias de técnicas de ensino em sala de aula. Segundo Cavalcanti (2004), uma das ênfases de trabalhos de investigação na área neste início eram as sugestões para produção e avaliação de materiais.

Para Moita Lopes (2006, p.16) hoje, é possível dizer que a LA é um campo relativamente bem estabelecido em nosso país e o que comprova este feito são os muitos programas de pós-graduação na área, através do apoio das agências de fomento à pesquisa e pela criação, em 1990, da Associação de Linguística Aplicada no Brasil – ALAB. A página da web da ALAB indica como o objetivo da associação:

(re) construir um locus acadêmico-científico e reflexivo, fomentado, por sua vez, estudos e reflexões da área de LA, não concebida mais como aplicação de teorias linguísticas, mas como um campo de investigação indisciplinar, transgressiva e híbrida. (ALAB, 2018).

A LA se tornou uma disciplina híbrida ou mestiça, onde a interdisciplinaridade, que ainda é vivida timidamente, é cada vez mais um caminho a ser seguido. Isto é, a LA deve dialogar com outras áreas como ciências sociais, a antropologia, a sociologia, etc, pois, como afirma Moita Lopes (2006, p.96) Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo de linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc.” Pois, parece indispensável que LA se aproxime das áreas com enfoque social, político e história, aliás, essa é a condição para que a LA possa responder às demandas da vida contemporânea.

Esse novo modo de compreender a LA permite entender melhor os paradigmas que existem nos dias atuais, visto que em meados da década de 1980 até a de 1990 as pesquisas realizadas dentro desta área começam a ser sobre outros contextos sociais que não lidam com o ensino, passando a ser entendida, inclusive, como indisciplinar, ou seja, que não pode mais ser constituída como disciplina. Isso ocorre pelo fato de que a LA deseja ousar pensar de maneira diferente ao da linguística, isto é, a LA deseja ir além dos paradigmas consolidados, prontos, acabados.

Como diz SILVA (2010), com esse ampliamiento das áreas de pesquisa da LA o Brasil tem atuado não só em contextos educacionais, como também em "outros contextos profissionais, em ambientes diversos de pesquisas científicas e tecnológicas, situações forenses, nos estudos lexicográficos, no tratamento de linguagem artificial com as novas tecnologias da comunicação e informação, refletindo uma tendência internacional da área" (p. 209). O que acaba evidenciando que a área vem assumindo e reafirmando cada vez mais seu caráter interdisciplinar.

Na visão de Matos:

a LA contemporânea deixou de ser associada quase que exclusivamente ao ensino/aprendizagem de língua estrangeira e dependente do embasamento teórico proveniente da linguística, considerada, a sua ciência-mãe. A LA não ignora visões importantes de outras áreas do conhecimento e as novas perspectivas têm tratado as práticas a serem investigadas de forma contextualizada, encarando os indivíduos de pesquisa heterogêneos e sujeitos ao contexto sociocultural em que estão inseridos, ou seja, os indivíduos são concebidos socialmente (MATOS, 2013, p. 6).

REFERÊNCIAS

ALAB. Historia. [2018]. Disponível em: <https://alab.org.br/historia/>. Acesso 04 de ago. De 2018

BOHN, Hilário; VANDRESEN, Paulino. (Org.) Tópicos de Lingüística Aplicada. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

CAVALCANTI, Marilda Couto. Applied Linguistics – Brazilian Perspectives. The Annual Review of Applied Linguistics, 17, 2004, p. 23-30.

COSTA, Hilda Rodrigues da. O discurso historiográfico da Linguística Aplicada brasileira [manuscrito]. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia.

COSTA, Lisiane Raupp da. EXPERIÊNCIAS DA LINGÜÍSTICA NA ALFABETIZAÇÃO¹. Disponível em: . Acesso em: 23 de jun. de 2018.

GRANDO, Katlen Böhm. O letramento a partir de uma perspectiva teórica: Origem do termo, conceituação e relações com escolarização. CAPES: 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3275/235>>. Acesso em: 27 de junho de 2018.

MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. A linguística aplicada no Brasil e as pesquisas em língua espanhola. INVENTÁRIO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ONLINE), v.1, p. 1-11, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Oficina de lingüística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras. (Coleção Letramento, Educação e Sociedade) , 1996. P. 192

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Fotografias da Lingüística Aplicada no campo das Línguas Estrangeiras no Brasil. D.E.L.T.A., v. 15, n. especial. São Paulo: PUC-SP, 1999, p. 419-435.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Introdução: Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.). Por uma Lingüística Aplicada (In)disciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. P. 13-44.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OSTROWSKI, Matilde. Um Pouco da história da Alfabetização. Disponível em: < <http://alfabetizandoeletrando10.blogspot.com/2014/12/um-pouco-da-historia-da-alfabetizacao.html>>. Acesso em: 28 de jul. de 2018.

PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

POERSCH, José Marcelino. Núcleo mínimo de formação linguística do alfabetizador. Brasília, 1983. < <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/1432/1406>> . Acesso em: 26 de jul. de 2018. PDF.

ROCHA, Décio; DAHER, Del Carmen. Afinal, como funciona a linguística aplicada e o que ela pode se tornar. São Paulo: Delta, Jan./jun. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445062753693134622>>. Acesso em: 03 de agosto de 2018.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. Linguística aplicada: ensino de língua materna. Florianópolis: LLV/ CCE/UFSC, 2011.

SANTOS, Terezinha da Costa. Alfabetizar letrando. Pombal: Rebes revista brasileira de educação e saúde, 2014. Disponível em: <<https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/2617/2026>>. Acesso em: 05 de agosto de 2018. PDF.

SANTOS, Ana Claudia Siqueira dos; PESSOA, Élide; PEREIRA, Maria José Garangau; SILVA, Rozilene Nascimento Lima. Alfabetização e letramento: dois conceitos, um processo. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf>. Acesso em: 05 de agosto de 2018.

SILVA, R. C.. Estudos Recentes em Linguística Aplicada no Brasil a respeito de Livros Didáticos de Língua Estrangeira. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (Impresso), v. 1, p. 207-226, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e Alfabetização. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2006.